

UMA APRENDIZAGEM EM DESLOCAMENTO: TERRITÓRIOS E PAISAGENS INVENTADAS

Aline Nunes

Resumo: A escrita traz o tema dos deslocamentos territoriais enquanto processo que aciona uma aprendizagem no campo das artes visuais por meio de caminhos não-formais, nos quais os deslocamentos são entendidos como potências de reinvenção, presentes nas narrativas de sujeitos em deslocamento territorial. No texto é abordado o conceito de desterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 1989; 1997; 1997a) como forma de problematizar os modos com que nos relacionamos e lidamos com os desejos de partida e as mudanças de territorialidades.

Palavras-chave: Deslocamentos, Paisagens, Desterritorialização, Educação das Artes Visuais.

Abstract: Writing raises the issue of territorial displacements as a process that triggers a learning in the visual arts through non-formal ways in which the displacements are seen as reinvention of powers present in the narratives about territorial displacement. The text is addressed the concept of deterritorialization (Deleuze and Guattari, 1989; 1997; 1997a) as a way to discuss the ways in which we interact and deal with starting desires and changes of territoriality.

Keywords: Displacements, Landscapes, Deterritorialization, Visual Arts Education.

Errâncias

Uma pesquisa *sobre* deslocamentos territoriais, produzida *em* deslocamento e enquanto *ela mesma* um deslocamento. Movimentos de desterritorialização e reterritorialização, que não tinham a ver com o ato de deixar ou ganhar territórios geográficos, mas sim, que tinham a ver com abalos, revisões de mundos, afetos, negociações consigo e com o outro, movimentos, estados de território.

Como pessoas que vivenciam processos de mudanças territoriais produzem em si deslocamentos para além da mudança de cidade, estado ou país? Que mudanças, que torções de pensamento acontecem em meio a estas experiências, produzindo desterritorializações? Que mudanças são disparadas, e que aprendizagens acontecem?

Os questionamentos que disparam esta escrita configuram parte da tese intitulada “Sobre mudar de paisagens, sobre mirar com outros olhos: narrativas a partir de deslocamentos territoriais”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Arte e

Cultura Visual, da Universidade Federal de Goiás (PPGACV-UFG). Nesta pesquisa, as narrativas autobiográficas produzidas em torno ao tema do deslocamento territorial foram potências para aprender: sobre o outro, sobre mim, e sobre como nos construímos na medida em que nos deixamos tocar, encharcar, contaminar, produzindo assim mudanças naquilo que temos como territorialidades.

Deleuze e Guattari (1988; 1997; 1997a) em seu conceito de desterritorialização dizem que, para que haja tal ruptura é necessário que antes haja um território, com fronteiras bem demarcadas. Ainda, reforçam a ideia de que, havendo desterritorialização haverá, por conseguinte, novos movimentos de reterritorialização, pois que, haverá sempre a necessidade de se criar novos portos, novas terras por onde estabelecer outros vínculos. A reterritorialização compreende um reposicionamento, ainda que provisório: pressupõe novas aprendizagens em outras relações, mas mantendo ainda o elemento desterritorializado.

Sair de um território, deixar o que antes era seguro e familiar, desacostumar-se de espaços, ideias e pessoas coloca-nos em perspectiva, nos tira o que antes era certeza, e nos obriga a ver com nosso “olho vibrátil”, esta potencialidade que não mais o deixa ver de modo desatento, mas que o faz ser tocado pela força daquilo que vê (ROLNIK, 1997, p.01).

Quando nos deslocamos entre lugares, saindo de um território para (aos poucos) conquistarmos outro, como vamos narrando a nós mesmos a partir deste ato? Como nos reposicionamos a partir da saída de um lugar já conhecido para outros, sem vínculos e propriedades, nos quais se tem a possibilidade de contar-se de outros modos e de criar novos laços?

Como forma de tentar mapear algumas das coisas que passam em meio aos trânsitos por entre territórios, e a partir dos diálogos com autores e com sujeitos que se encontravam em deslocamento territorial, no decorrer do exercício de pensar sobre o tema de investigação fui percebendo que as mudanças mais importantes não se tratavam exclusivamente do lugar em si, geográfico, mas daquilo que se é capaz de agenciar a partir dele.

Não por acaso, meu encontro com o conceito de desterritorialização acabou se mostrando potente para pensar, problematizar ou mesmo, para produzir possibilidades de experimentação, que estivessem implicadas e interviessem nos modos com que nos relacionamos e lidamos com os desejos de partida e as mudanças de territorialidades. O conceito, por sua vez, não foi tomado como totalidade de um pensamento. Ele foi

empregado para cartografar um processo, utilizado de forma fragmentada, naquilo que me parecia conveniente.

Das derivas produzidas nesta tese doutoral, mais do que registrar vivências e memórias, dando conta de fatos, acontecimentos e da própria sucessão de dias, o intuito foi convidar os sujeitos participantes deste trabalho a pensarem sobre o que neles era deslocado enquanto se deslocavam. Pensar sobre a própria experiência de sentir-se estrangeiro de si, na medida em que se colocavam à prova, em que se colocavam em estado de espreita (DELEUZE e PARNET, 1988) em nome da possibilidade de dar vazão ao que é diferente daquilo que já lhes era sabido.

Ou seja: no caso do processo empreendido, importou-me conhecer e também dar visibilidade àquilo que era fabricado, inventado e torcido a partir das mudanças territoriais vividas. Preciosa (2010) nos fala sobre este sujeito que, confrontado por suas experiências, é capaz de sair de si, ver-se outro, mas que para isso é necessário um esforço para torcer este sujeito ao qual se acostumou a ser. É preciso investimento, é preciso correr o risco.

Desde esta concepção, instaura-se também um novo viés para pensar a educação em artes visuais, pautada não somente nas situações regulares e formais de ensino-aprendizagem, vinculadas a escolas, museus e outros espaços educativos. Ante esta posição proposta pela pesquisa, a educação em artes visuais, a experiência artística, os sentires de quem produz e é atravessado por imagens se dão nos espaços do viver e geram aprendizagens.

As experiências de deslocamento territorial, seguramente, provocaram nos sujeitos uma capacidade de observar, de invencionar para si novas narrativas de vida, marcadas pelos acontecimentos desdobrados de seus trânsitos, seus embates e seus confrontamentos com diferentes meios e contextos culturais. Deste modo, a experiência estética está intrinsecamente relacionada aos processos de desterritorialização: marcada pelos fluxos de pensamento, pelos modos de ver transformados na viagem, pelo desejo de recriar paisagens próprias, nas quais outras relações de pertencimento fossem inauguradas.

Enquanto marco teórico, a investigação orientou-se pelos Estudos de Cultura Visual, entendendo-os como uma possibilidade de compreender como se dão e se conectam as questões que envolvem os deslocamentos territoriais, e as formas com que diferentes sujeitos se relacionam com esta condição.

Dialogo com Martins (2012, p. 228), ao dizer que “a cultura visual, entendida não como substantivo, mas como orientação epistemológica, oferece um conjunto interdisciplinar e dialogal de referenciais possíveis as aproximações dos assuntos eleitos para investigação”. Mais do que situar o objeto e os sentidos que produz, importa o contrário deste movimento: os sentidos que produzimos, as conexões que traçamos com espaços, lembranças, histórias vividas em diálogo com outros sujeitos, e que daí resultam matérias onde se possam perceber as relações tramadas, tomando a Cultura Visual como lentes para ver e interatuar nestes processos.

Portanto, neste estudo a cultura visual operou como uma abordagem que busca entrecruzar os sentidos que são produzidos por espectadores, autores e demais sistemas a partir das entre-relações entre o que é visto e de como se é visto (HERNÁNDEZ, 2010). Neste caso em particular, tornou-se relevante discutir como as mudanças que derivam dos deslocamentos e demais tipos de transições territoriais estão carregadas de sentidos e embates, expostos nas narrativas (sejam elas orais, visuais, escritas...) que os circundam e constroem.

No que diz respeito às imagens selecionadas para compor este texto, tratam-se de fragmentos dos percursos realizados: tanto percursos geográficos, como também frutos dos percursos teóricos e metodológicos empreendidos. As visualidades não tem por intuito representar ou mesmo ilustrar, mas sim, provocar relações, conexões *com e a partir* do que fora vivido durante o ato de deslocar-se. De certo modo, pode-se pensar que as imagens presentes na tese (e trazidas de modo reduzido neste artigo) operaram de forma complementar, ampliando, acrescentando detalhes e evocando ideias que, somente pela palavra talvez não nos ocorressem.

Lugares de passagem

“Un amigo me dijo una vez que el verdadero viaje de descubrimiento no consiste en cambiar de paisaje, sino en mirar con otros ojos”³.

A partir da deriva, encontram-se superfícies irregulares: calçadas quebradas, ladrilhos desgastados que apontam caminhos de passagem, solos arenosos, poças de barro que nos fazem cambiar o ritmo e a distância entre passos, para que se transformem em saltos. Experimentar estas rotas é também uma forma de criá-las, de inventar e

³ Fala da personagem Lucía, no filme “La hijadel canibal”, em português intitulado como “Aos olhos de uma mulher”.

“delirar caminhos”. Delirar paisagens que só existem nas histórias de cada um, que vai montando seu quebra-cabeça existencial, a partir das peças catadas durante o percurso.

Nem só de caminhos se cria este quebra-cabeça, muito dele se configura dememórias guardadas: uma cor de céu, um dia de vento norte, o ruído das janelas batendo. Um passeio de bicicleta que inclui um tombo numa esquina de chão molhado e, de quebra, contorce o corpo com gargalhadas.

A tese teve como propósito discutir a constituição de paisagens tomando como matérias os escritos, os fragmentos de conversa, as imagens e outros fenômenos visuais (ILLERIS e ARVEDSEN, 2012) que marcaram os deslocamentos vivenciados, observando a partir disso os movimentos de desterritorialização e reterritorialização, contínuos ao longo do percurso investigado.

Das escritas autobiográficas e das imagens relacionadas às suas experiências, partindo de algumas recorrências, deu-se o surgimento de paisagens. As paisagens, contudo, iam além da figuração/representação dos espaços: operavam como ideias e conceitos para dizer desses fluxos de desterritorialização e reterritorialização, percebidos nas narrativas dos sujeitos envolvidos nesse processo.

As paisagens que configuraram tais fluxos foram:

- *Callejeo*:



Imagem 1: *Voile* (2014). Aline Nunes. Fonte: arquivo pessoal

A ideia de *callejeo* enquanto paisagem ajuda a pensarmos na potência existente em se deixar levar, no ato de sair para ver o que pode ser descoberto, capturado durante esse vagar por entre espaços. Por esses movimentos ensaiamos, ainda que timidamente, a possibilidade de fazer diferente daquilo que já se nos apresenta como desgastado. A desterritorialização supõe mais do que uma saída de um espaço físico concreto, exige uma desocupação no próprio corpo, daquilo que costumávamos ser. É “a demolição brutal de experiências gastas e formas foscas” (PRECIOSA, 2010, p. 54).

- *Um em casa, outro:*



Imagem 2: “Provvisorio” (2013). Aline Nunes. Fonte: arquivo pessoal

A casa neste caso pode ser entendida enquanto agenciamento (DELEUZE e GUATTARI, 1997), isto é, possibilidade de combinar elementos heterogêneos que, ao serem mesclados, tornar-se-ão distintos daquilo que foram inicialmente, elevando sua potência. Espaço aberto às combinações daquilo que nos importa, daquilo que nos toca e que merece ser guardado, trazido conosco para ser bricolado junto a sentimentos, histórias e imagens que, emaranhados criam um lugar.

Os indivíduos nômades não se distinguem dos sedentários pelo desapareço a uma porção que possam chamar de casa. Distinguem-se sim, pela abertura em ver sua casa transformada de tempos em tempos, cambiada, dilacerada por suas próprias convicções de que mesmo a casa, que congrega uma ideia de fixidez, deve ser efêmera, deve contemplar a possibilidade de virar ruína. A casa talvez mais do que um lugar concreto e

endereçado, seja um conceito flutuante criado para dar conta da necessidade de algo que nos faça sentir abrigados, confortados e seguros, e isto tudo é também variável a depender de como e de quem desenha para si esse território.

- *Quem de dentro de si não sai:*



Imagem 3: Bòvila (1982). Olga Pérez García. Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204076599657888&set=a.3511367105500.172517.1311566949&type=1&theater>

Se, para Deleuze só se pensa porque se é forçado, porque existe algo que, estando fora do pensamento o força a fazer novas conexões, o faz vibrar, rompendo com estratificações e com aquilo que estava cristalizado, esta paisagem é também feita a partir de um esforço, de uma violência no sentido de forçar-nos a pensar, ser e fazer diferentemente daquilo que nos acostumamos. Nem que seja para seguir fazendo como antes. O que importa é colocar-se em estado de questionamento, permitir-se a dúvida para sair de si, mesmo se optarmos por voltar, pois o retorno nunca será para o mesmo. O sujeito nômade, no decurso de sua marcha, percebe que “lo que es importante es el devenir, el proceso de transformarse en algo diferente, y no necesariamente llegar a serlo” (HORNIKE, 2008, p.66)

Próxima parada

O que conta em um caminho, o que conta em uma linha é sempre o meio e não o início nem o fim. Sempre se está no meiodo caminho, no meio de alguma coisa. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 39)



Imagem 4: sem título (2013). Aline Nunes. Fonte: arquivo pessoal.

Ao lançar esta possibilidade de pensar os sentidos e referências que foram produzidos no decorrer do tempo de pesquisa enquanto paisagens, parto do pressuposto de que estas, assim como os participantes, estão constantemente se transformando. Atuamos e agimos em seus espaços, desmanchamos algumas formas e alguns mundos, e recriamos outros conceitos e perspectivas para experimentá-las.

Vivenciamos processos contínuos de desterritorialização e reterritorialização a partir de experiências ínfimas, menores. Assim, ao longo da tese, defendi que as paisagens se modificam, conforme mudamos nossos pontos de vista, nossos modos de ver e relacionarmos-nos com o que se passa em nossas vidas, sempre de modo engendrado às transformações sociais e à cultura. Nestes processos de transformação, a

experiência nos permite aprender, nos condiciona a fazer diferentemente daquilo que já fora feito.

O deslocamento territorial atua como lugar (não-lugar) de aprendizagem, de reflexão, de criação. Fabricação contínua de territorialidades, de universos nos quais imprimimos nosso estilo, nossas visões de mundo, nossas visualidades. Tudo isso carregado de histórias e desejos, que configuram novas conexões, agenciamentos e assim, produzem aprendizagens.

Por isso, é importante não parar agora, é preciso seguir movendo-se, para que outros terrenos sejam revolvidos e outras narrativas possam ser inventadas, sobre paisagens que ainda são devir. Neste sentido, a pesquisa segue reverberando, convidando-me a pensar sobre os modos com que atuo enquanto docente de artes em nível de graduação, colocando-me a interrogar sobre aquilo que é, ou deve ser, desterritorializado em minha prática e com os grupos discentes com os quais venho atuando. As paisagens inventadas, citadas anteriormente, servem também como categorias passíveis de dialogar com os processos de aprender, conhecer e problematizar a docência em artes e seu campo de experimentação poética. Finalmente, posso dizer que os deslocamentos territoriais (e novamente reitero que não se restringem ao âmbito geográfico) são brechas e possíveis que me levam a produzir uma nova narrativa para a educação das artes visuais.

Referências:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**: transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos. Éditions Montparnasse: Paris, 1988.

HERNÁNDEZ, Fernando. Para a Erina ninguém diz nada...e nós não podemos fazer o que queremos. A educação da cultura visual na educação infantil. *In*: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene. (orgs.) **Cultura Visual e infância**: quando as imagens invadem a escola... Santa Maria: Editora da UFSM, 2010. pp. 71-85.

HORNIKE, Dafna. **Los sujetos nómades en Clarice Lispector y Mayra Santos-Febres**. Tese de doutorado. Universidade de Alberta, 2008.

ILLERIS, Helene; AVERDSEN, Karsten. Fenômenos e eventos visuais: algumas reflexões sobre currículo e pedagogia da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene.(orgs.) **Culturas das imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. pp. 283- 309.

LA HIJA DEL CANÍBAL. Antônio Serrano. 2003. (México)

MARTINS, Alice Fátima. Arena aberta de combates, também alcunhada de Cultura Visual: anotações para uma Aula de Metodologia de Pesquisa. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene.(orgs.) **Culturas das imagens**: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Editora da UFSM, 2012. pp. 211-233.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**: sujeito e escritura em processo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade** - fronteiras com a ética e a cultura. 1997. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubjetic.pdf> Acesso em 12 de junho de 2012.